
ONÇAS E HUMANOS EM REGIMES DE ECOLOGIA COMPARTILHADA

*Felipe Sússekind**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Brasil

Resumo: *O ponto de partida para este artigo é uma pesquisa de campo realizada entre os anos de 2006 e 2008 em fazendas de gado no sul do Pantanal que abrigavam projetos de conservação da onça-pintada, ou jaguar (Panthera onca). Os dois temas abordados são complementares. O primeiro poderia ser descrito como uma ecologia compartilhada, e se refere aos contrastes e composições possíveis entre as práticas de conhecimento de biólogos da conservação e aquelas de vaqueiros e caçadores do Pantanal. Trata-se, nesse caso, de um estudo de caso que permite algumas considerações sobre as relações complexas entre saberes científicos e tradicionais, problematizando as linhas de continuidade e os conflitos que surgem de um encontro desse tipo. O segundo tema diz respeito às trajetórias individuais de determinados agentes, ou atores, nos estudos de campo biológicos. Trata-se, dessa vez, de pensar o modo como ações específicas, e por vezes inusitadas, de certas onças, são incorporadas às práticas e aos conhecimentos (científicos ou não) constituídos a respeito do comportamento da espécie. Esses dois temas – a saber, conhecimento científico versus tradicional e trajetórias individuais dentro do estudo do comportamento animal – permitem uma reflexão sobre a rede de conservação da onça-pintada a partir de elementos que em geral são ocultados ou invisibilizados nos processos de circulação dos fatos científicos aqui descritos. A aposta do artigo é que o foco nesses atores abra novas perspectivas para as questões socioecológicas que a rede conservacionista em questão é capaz de capturar.*

Palavras-chave: *conservação, onça-pintada, Pantanal, socioecologia.*

* Contato: felipesussekind@gmail.com

Abstract: *The starting point for this article is a fieldwork conducted between 2006 and 2008 on cattle ranches in the southern Pantanal that were home to jaguar (*Panthera onca*) conservation projects. The two themes addressed in it are complementary. The first could be described as a shared ecology, and refers to the contrasts and possible compositions between the knowledge practices of conservation biologists and those of the Pantanal cowboys and hunters. In this case, it is an example that allows some considerations about the complex relations between scientific and traditional knowledge, questioning the lines of continuity and the conflicts that arise from such a meeting. The second theme concerns the individual trajectories of particular agents, or actors, in biological field studies. It is a question of how the specific and sometimes unusual actions of certain jaguars are incorporated into the practices and knowledge (scientific or not) connected with the behavior of the species. These two themes - namely, scientific versus traditional knowledge and individual trajectories within the study of animal behavior - allow a reflection on the conservationist network of the jaguar using elements that are usually hidden or invisible in the processes of circulation of the facts described herein. The point of the article is that the focus on these themes opens new perspectives to the socioecological issues that the conservationist network in question is capable of capturing.*

Keywords: *conservation, jaguar, Pantanal, socioecology.*

1

Esse aí era o maior matador de onça. Ele achou essa onça, e chegou a dar 22 tiros nela, mas não conseguiu matar. É uma onça que tinha uma falta de um dedo. Ele foi, achou, e foi atirando, atirando. Ela entrou no mato, e ele pulou [do cavalo] e foi de a pé. Diz que a onça ficava em pé, e vinha assim, e ele atirando. Até que ele desistiu, porque começou a sentir arrepio no corpo. Ele desistiu dela.

Sempre o pessoal falava que essa onça que tinha um dedo a menos andava aqui nessa beirada de rio Piquiri, rio São Lourenço... Sempre achavam pegada dela, com a falta de um dedo. Agora já tem uns dez, quinze anos que eu não vejo mais ninguém falar disso. Ninguém sabia o que era. Era uma onça que não morria.

Estes trechos são de uma conversa com um morador da região do rio São Lourenço, aonortedoPantanal, gravadaduranteumaviagemdepesquisadecampo.¹

¹ Agradeço especialmente ao pesquisador Ricardo Boulhosa, nesse caso, pela possibilidade de acompanhar algumas das entrevistas que ele realizava nesta época (2007), entre a cidade de Poconé (MT) e os limites da rodovia Transpantaneira, para um estudo sobre o conflito entre fazendeiros e onças.

Ela mostra como as onças que escapam aos seus perseguidores são aquelas que se tornam mais conhecidas e temidas em narrativas de caça. Como podemos ver, é a partir da relação com os rastros (as pegadas sem dedo da onça) que se produz a narrativa. Há, além disso, o aspecto sobrenatural da história: é uma onça que não morre, o caçador desiste porque sente arrepio no corpo, e por aí vai. Este último elemento remete às relações que se tecem, no Pantanal, entre humanos, animais e outros seres que atravessam a fronteira entre natureza e sobrenatureza.

A história da onça sem dedo guarda algumas analogias interessantes com o caso ao qual me refiro a seguir, de uma das onças que foi objeto de estudo em um projeto científico que acompanhei durante certo tempo, entre os anos de 2007 e 2008. O projeto estava sediado na fazenda São Domingos,² localizada entre as regiões do Pantanal do Abobral e a do Pantanal do Miranda, no município de Corumbá (MS). Tinha como objetivo principal o estudo dos comportamentos, hábitos alimentares e padrões de uso do território pelas onças-pintadas. O foco principal era a predação sobre o gado doméstico, tema que é considerado determinante para a conservação da espécie nessa região. O fato de as onças se alimentarem do gado é o que justifica o conflito histórico entre fazendeiros e predadores, e esse conflito se traduz historicamente na prática da caça seletiva delas em todo o Pantanal.

Era abril de 2008 e a pesquisa estava ainda em seu início. Eu tinha chegado à fazenda com o objetivo de acompanhar a captura de uma onça para a colocação de uma das dez coleiras equipadas com radiotransmissor e sistema GPS que seriam usadas no monitoramento dos animais. A equipe do projeto na ocasião contava com três biólogos, dois veterinários e um mateiro, além de alguns cachorros que haviam sido trazidos de Poconé, no Pantanal norte. No dia anterior à minha chegada, o grupo havia chegado bem perto de uma onça, mas ela tinha escapado na última hora. O único que chegou a vê-la, na ocasião, foi Seu Mariano, que era o mateiro, ou guia de campo, do projeto.

De acordo com o relato dele, tratava-se de um “macharrão” que chegou a ser “acuado” algumas vezes. Mas a captura não tinha sido possível porque, ao contrário do que seria esperado, o animal perseguido não havia “subido” (ou seja, se abrigado em uma árvore), ficando acuado no chão, o que era uma

² Como em trabalhos anteriores, optei pela substituição dos nomes das pessoas e das fazendas citadas neste artigo.

situação reconhecidamente perigosa. O resultado era que a onça tinha matado dois cachorros, além de ferir mais dois. Seu Mariano era responsável pelo cuidado com o grupo de cães de caça que haviam sido trazidos à fazenda especialmente para essas capturas, e estava muito chateado com o acontecido. As tentativas de colocação das coleiras já se estendiam há algumas semanas na época, e os responsáveis pela pesquisa tinham prazos a cumprir e estavam sob pressão.

O incidente com os cães era mais um em uma série de infortúnios recentes, e ele atribuía parte dos problemas enfrentados pelo projeto ao período do ano em que estávamos, a Quaresma. A restrição da carne vermelha nesse período (substituída por carne de peixe) significava uma interrupção esporádica na dieta rigorosamente baseada na carne bovina por parte dos moradores da fazenda, e Seu Mariano explicou-me que era costume dos antigos moradores da região não caçarem de jeito nenhum nessa época do ano. Os biólogos do grupo, de acordo com seu argumento, eram da cidade e não acreditavam nos costumes dos antigos, mas ele considerava que os cães mortos e feridos pela onça somavam-se ao caso de uma arma de ar comprimido que tinha disparado acidentalmente na sede do projeto como exemplos das consequências advindas da quebra do tabu da caça.

Além de uma visualização muito rápida, a onça que matou os cães nessa tentativa frustrada de captura, ocorrida no mês de abril de 2008, foi identificada por Seu Mariano basicamente a partir do formato e tamanho das suas pegadas (ou “batidas”, como se diz no Pantanal). A partir dessas marcas e de sua experiência, ele seria capaz de identificá-la, dois meses mais tarde, entre as dez onças que foram capturadas e equipadas com coleiras para o estudo. Tratava-se de um macho que foi chamado pelos pesquisadores, por ocasião da captura, de “Mirão”, numa homenagem ao pai do proprietário da fazenda.³

Mais tarde, já em novembro de 2008, no começo da estação das chuvas, Mirão (já usando uma coleira GPS) seria capturado novamente, dessa vez por uma armadilha fotográfica, junto à carcaça de um bezerro que havia matado para se alimentar. Eu estava em meu segundo período de campo na fazenda

³ Entre os pesquisadores de campo que trabalham com onças-pintadas é costume dar nomes, ou apelidos, às onças capturadas. Esses nomes correspondem aos códigos das frequências de rádio correspondentes às coleiras de rádio utilizadas no monitoramento, e eram usados por vaqueiros e moradores da fazenda que colaboravam com a pesquisa reportando suas observações.

e acompanhei de perto nessa ocasião os esforços dos pesquisadores, depois de identificá-lo a partir dos registros fotográficos,⁴ em uma busca dos sinais de rádio que lhes permitiriam obter os dados armazenados no equipamento. A busca, entretanto, foi infrutífera: as imagens produzidas nesse evento seriam os últimos registros de Mirão, que nunca mais foi localizado. As possibilidades consideradas para seu desaparecimento, por parte dos responsáveis pela pesquisa, incluíam a quebra do equipamento na coleira, uma possível morte por caçadores em outra fazenda ou mesmo a ida para algum local mais remoto e inacessível.⁵

Mirão escapou então por duas vezes dos pesquisadores enquanto acompanhei o projeto; a primeira durante as tentativas de captura na Quaresma e a segunda por ocasião das imagens registradas pelas armadilhas fotográficas e da perda do sinal de rádio. Assim como no caso da onça sem dedo da narrativa que transcrevi acima, trata-se de aqui de uma fuga, um animal que resiste aos esforços de captura. Assim como naquela narrativa, são as *batidas*, ou rastros, que permitem ao mateiro identificar a onça. São esses vestígios, nos dois casos, que produzem uma narrativa. No caso de Mirão, os vestígios incluíam a carcaça de um bezerro abatido e as imagens produzidas por armadilhas fotográficas. Os elementos esperados para o rastreamento de uma onça capturada no âmbito de um estudo científico eram ondas de rádio e coordenadas GPS, mas é a falta desses sinais, nesse caso, que determina o sentido da história. O exemplo da fuga, da onça que escapa, além de aproximar o universo da caça ao da pesquisa científica, também pode ser lido nesse caso como uma espécie de brecha no processo que estou investigando; as falhas, afinal, são especialmente interessantes para se entender o funcionamento interno das redes ou dos sistemas, na medida em que tornam visíveis os processos que os constituem (Law, 2009).

Seu Mariano, o mateiro do projeto, caçava onças no Pantanal até o início da década de 1990, quando foi contratado pela primeira vez por um projeto conservacionista. Ao pensar na posição dele como intermediário entre as práticas tradicionais de caça e as práticas de conservação, é possível observarmos processos simultâneos de tradução. Por um lado, a importância ecológica da

⁴ As onças podem ser identificadas individualmente a partir dos padrões formados por suas pintas.

⁵ Relatei detalhadamente esse evento em outros trabalhos (Süssekind, 2012, 2014).

onça e a conservação estavam incorporadas ao discurso do mateiro, cujo trabalho envolvia visitas às fazendas vizinhas e conversas com vaqueiros e proprietários locais, em geral bastante resistentes à ideia de preservar predadores em suas terras. Por outro, sua experiência como caçador trazia para dentro da pesquisa o conhecimento *tradicional* da lida com os cães e da leitura fina dos rastros e sinais do ambiente.

Trazia também, ao mesmo tempo, experiências que podem ser ligadas a uma espécie de choque cultural entre o mundo dos cientistas e o dos moradores locais (o termo não é bom, na medida em que não se trata apenas de um choque, e nem somente de culturas). As considerações do mateiro sobre os infortúnios trazidos pela prática da caça no período da Quaresma, às quais me referi acima, podem ser relacionadas – esta é a minha hipótese – a um tema bem conhecido na literatura antropológica, que é o “panema”, ou “azar na caça”. O tema foi discutido por Mauro Almeida (2013) a partir dos povos ribeirinhos da Amazônia, onde há, assim como no Pantanal, uma mistura de elementos indígenas e católicos. O *panema* é percebido por esses povos, de acordo com o autor, não nos termos de uma crença, mas sim como uma força que age no mundo; algo, ele diz, como “o conceito de gravidade”, que pode ser experimentado e sentido no corpo. Trata-se de uma potência que é um componente generalizado do que Almeida (2013, p. 8-9) define como uma ontologia dos caçadores da planície amazônica: “Homens, cães, espingardas e trilhas de caça (onde se armam armadilhas) [podem] estar panema.” No caso do Pantanal, o universo da caça se confunde com o da lida com o gado, mas o conceito parece se aplicar a este exemplo.

A adesão a diferentes modos de entender as relações entre humanos e não humanos, nessa minha experiência na fazenda São Domingos, era visível também em algumas histórias que eu ouvia durante o trabalho de campo, ligadas ao tema dos seres sobrenaturais. Um primeiro exemplo envolvia o fato de que os cavalos da fazenda eram muitas vezes encontrados pela manhã com uma espécie de trança na crina. Isso deixava alguns vaqueiros bastante ressabiados, pois consideravam que aquelas tranças eram feitas pelo Saci. Um dos biólogos do projeto me explicou, de forma que me pareceu convincente, que essas tranças eram fruto da ação de pequenos morcegos vampiros que se embolavam na crina desses animais. Essa explicação, contudo, não parecia deixar os vaqueiros menos preocupados, e eles caçoavam da interpretação do biólogo: “E morcego lá faz trança?”

Dona Lita, esposa do capataz e cozinheira da “cantina” onde almoçávamos na São Domingos, me disse um dia que não deixava nunca as crianças andarem sozinhas fora de casa ao meio-dia. O perigo, segundo ela, era que elas fossem levadas pelo “Saci louro”, criatura que só as crianças viam e que os adultos, incapazes de ver, podiam identificar através de um pio muito agudo, “um canto estranho, que não é de nenhum pássaro”. Um dos biólogos que trabalhava na pesquisa com as onças estava na cantina almoçando, e, ao ouvir essa declaração, disse em tom de brincadeira que ia “colocar coleira nesse Saci”. O motorista do caminhão da fazenda, que também estava presente, respondeu por sua vez à provocação afirmando, em tom de brincadeira, que o biólogo estava “igual o cara que o Saci deixou amarrado no campo, lá no Guaicuru [um retiro de uma propriedade próxima]”. Os risos e brincadeiras envolvidos em conversas como essa indicavam, a meu ver, algo mais do que apenas motivo de piada, revelando elementos do conflito ao qual estou me referindo. Quando questionado a respeito dessa descrença no biólogo, mais tarde, o motorista comentou comigo que “a pessoa que é estudada, que tem estudo, é mais pela ciência. Só que tem muitas coisas que na cidade não tem, você não vê. Essas coisas assim não acontecem na cidade.”

O assunto dos seres sobrenaturais estava presente em muitas das conversas que tive com os moradores da fazenda naquele período. Alguns dias depois dessa pequena discussão na cantina sobre o Saci, um dos campeiros que morava no *retiro*, Dinho, mencionou, em uma entrevista semiestruturada que eu fazia, uma criatura chamada “Maozão”. Tratava-se de um ser sobre o qual eu já havia lido na etnografia de Banducci Jr. (1996), feita no Pantanal da Nhecolândia. O Maozão foi definido por ele como um “pai do mato”, um “protetor” que aparecia na mata, por exemplo, quando alguém queria abrir uma clareira e cortar árvores, ou então numa caçada desmedida na qual o caçador queria levar mais animais do que poderia comer. Seres desse tipo podiam ser encontrados principalmente em certos capões de mato, como o “aguaçuzá”, onde, de acordo com o campeiro, os bichos do mato gostavam de se abrigar quando eram perseguidos. A figura pantaneira do Maozão pode ser aproximada do tema amazônico do Caipora, o protetor ou dono dos animais com o qual os seringueiros e ribeirinhos interagem. Assim como o conceito de panema, o Caipora está inserido na “economia ontológica da caça” descrita por Mauro Almeida. Ele argumenta, a partir dos aspectos de reciprocidade envolvidos na relação com esses seres, que “Caiporas são partes de redes”, e que

essas redes envolvem “conexões não hierarquizadas de pessoas, animais, instrumentos de caça, partes da floresta e partes da casa” (Almeida, 2013, p. 21).

A exemplo da Amazônia, isso que apresenta no Pantanal como uma espécie de economia moral da natureza configura-se como um regime de existência que desafia de certa forma o dualismo moderno que situa em campos opostos humanos e animais, ou natureza e cultura. Tomar as brincadeiras a respeito do Saci a sério me parece uma forma legítima de abordar a diferença entre os mundos de pesquisadores (entre os quais me incluo) e vaqueiros. Os exemplos que mencionei apontam também, a meu ver, para a herança ou memória indígena que se faz presente no Pantanal. O que Almeida (2013, p. 16) propõe, a partir do contraste entre os regimes de conhecimento de pesquisadores e cientistas, de um lado, e de ribeirinhos e moradores amazônicos, de outro, é que “o confronto que começará a aparecer no horizonte agora não é epistemológico, e sim ontológico”. A diferença entre os regimes de conhecimento, ou modos de existência, aponta para aquilo que o autor chama de “conflitos ontológicos” (Almeida, 2013, p. 16-17). O contraste entre a onça como objeto do conhecimento científico e a onça como objeto de um conhecimento local, ou tradicional, faz com que a própria ideia de que cientistas e vaqueiros falam das *mesmas* coisas seja colocada em questão, na medida em que pressupõe um mesmo fundo comum para diferentes culturas. Ao contrário da ontologia naturalista que está na base da biologia e da antropologia, o regime metafísico que podemos entrever entre os vaqueiros do Pantanal se aproxima do que Almeida descreve para os ribeirinhos da Amazônia, pressupondo uma continuidade entre aquilo que consideramos como sendo do âmbito da natureza ou da sociedade. Relações com animais e plantas são formuladas, nesse caso, em termos que não excluem de saída os seres da natureza da esfera das relações que tomamos, dentro do regime da modernidade ocidental, como sociais ou morais.

Há, por outro lado, muitos pontos de convergência entre as práticas dos vaqueiros e caçadores tradicionais e aquelas dos biólogos e pesquisadores de campo. O rastro olfativo é o que permite aos cães farejadores levarem o caçador ao encontro dos animais que persegue, e os “trilheiros” do gado são fundamentais para o trabalho dos vaqueiros. Da mesma forma, os biólogos que trabalham com as onças raramente veem seus objetos de estudo. A presença delas é registrada a partir de rastros, na forma de vestígios ou sinais: restos de animais abatidos, *batidas* (pegadas), ranhuras em troncos de árvores, são esses os elementos que permitem reconstituir a passagem ou interpretar

as atividades dos animais estudados. Os aparatos da biologia de campo, com sinais de rádio e equipamentos de GPS, acrescentam novas pistas a serem seguidas em uma cadeia de índices, ampliando a rede sociotécnica que se articula a partir das onças.

No que se refere às capturas das onças para a pesquisa científica, estaríamos diante, nesse sentido, do que Almeida (2013, p. 16) chamou de “encontros pragmáticos”. Ou seja, a ontologia naturalista dos biólogos de campo e o regime ontológico da caça e da criação partem de premissas e compreensões diferentes acerca das relações entre os seres vivos e das suas interações, mas a captura das onças delimita uma espécie de horizonte comum ou encontro entre ontologias. Em resumo, um caso pode mobilizar sistemas GPS, cadeias tróficas, conflitos entre humanos e animais, enquanto o outro mobiliza a comunicação com cães de caça, as prescrições morais da Quaresma ou encontros com onças sobrenaturais e seres como o pai do mato, mas as duas séries, ao compartilharem o pressuposto de que haja onças na mata e que se possa encontrá-las, conectam *em rede* todos esses elementos.

2

Todas as onças monitoradas pelo estudo científico que acompanhei foram capturadas com cães farejadores e com a participação de um caçador local experiente, contratado especialmente para a tarefa. Esse tipo de caçada vem sendo utilizado por biólogos de campo que trabalham com onças desde os primeiros estudos desenvolvidos no Pantanal, no final dos anos 1970. Apesar de poderem facilmente matar os cães individualmente (e isso não é raro), as onças tendem a subir para a copa das árvores quando são acuadas pelos latidos da matilha; nessa situação, elas ficam fora do raio de ação dos cães, mas diante da mira do caçador. A participação de caçadores nos projetos de pesquisa é um tema controverso, na medida em que os mesmos são figuras tradicionalmente ligadas à eliminação das onças pelos fazendeiros.⁶ A presença deles nas capturas, por outro lado, aponta para a incorporação das práticas tradicionais de caça, e dos conhecimentos ligados a elas, às práticas conservacionistas.

⁶ Sobre a controvérsia, ver Furtado et al. (2008). É importante também mencionar que em estudos mais recentes desse tipo, a captura de onças com cães tem sido substituída por armadilhas de laço, que se mostraram igualmente eficazes para a tarefa.

No final do meu período de trabalho de campo, em dezembro de 2008, eu estava em Campo Grande e o tempo que eu tinha para terminar a pesquisa estava se esgotando. Meu principal objetivo, antes de voltar para casa, era conversar com Tião Onceiro, o caçador contratado para as capturas do projeto na fazenda São Domingos. Ele tinha participado de alguns projetos importantes de pesquisa sobre a onça-pintada no Brasil, e esse encontro me parecia fundamental para entender mais sobre as práticas de caça envolvidas nas capturas. Depois de quase uma semana de chamadas telefônicas diárias, o filho de Tião finalmente atendeu a uma ligação feita na manhã do dia 10 de dezembro de 2008. Consegui em seguida falar com o próprio Tião, marcando um encontro para dois dias depois; naquela mesma manhã, peguei o ônibus na rodoviária de Campo Grande para uma viagem até a cidade dele, um polo industrial próximo de Cuiabá, na região norte do Pantanal. Cheguei à cidade no final da noite, e no dia seguinte de manhã peguei um táxi em frente ao hotel onde me hospedei até o endereço dado por Tião. Ele mesmo me recebeu na porta, e combinou com o mesmo táxi uma corrida um pouco mais tarde para nos levar até a chácara onde mantinha seus cachorros, nos limites da cidade. Chegando lá, usei uma câmera de vídeo para filmá-lo enquanto ele me mostrava o canil, uma construção simples, de tijolo aparente, parcialmente coberta por telhas e gradeada na frente. Reproduzo trechos do nosso diálogo:

- A cachorrada do serviço é essa aí, coisa.
- Então, e tem um cachorro que o senhor bota na frente?
- É, tem um. É o *mestre* que eles falam.
- E para se dizer que o cachorro é mestre, o que ele precisa?
- Olha, você vai andando e acha a batida da onça, ou a carniça, e você põe o cachorro. Aí ele sai trilhando e vai lá na onça, esse é mestre. Agora o cachorro que você põe e ele sai louco procurando e não acha, não é mestre não.
- E quando acha a batida solta os outros?
- Os meus vão todos amarrados, eu não carrego cachorro solto não. Achou a batida ou a carniça, você pega o cachorro lá, amarra os outro num pau, manda o companheiro segurar, e você põe na batida ou na carniça, e dali ele sai. E ele dá um barruador, e eu já solto tudo. Ele barrua pertinho de você; cachorro lento, cachorro bom, devagar.
- Pelo latido a gente sabe se ele achou a onça?
- Sabe. Eu sei se é pintada, eu sei se é parda, ou eu sei se é bicho à toa.

O *barruar* dos cães é o que conduz o caçador até o local da *acuação*. Os cachorros treinados para seguir o rastro da onça são designados, de acordo com sua especialização, como mestres. Esse termo, como se pode perceber, define uma qualidade particular dos cães onceiros, e foi o tema principal das minhas perguntas:

- Mas qualquer cachorro pode virar mestre ou depende da qualidade dele?
- Rapaz, sempre a gente procura assim, de descendência. Não é qualquer um não, porque o cachorro você traz, vamos dizer assim, de família; igual a esses meus aqui. Então, esse grupo de cachorro que está aí, não tem nenhum refugio. Tudo aí é cabeceira. Você pode pôr que vai.

O *mestre* é o cachorro que torna a caçada possível, aquele que é capaz de seguir, rastrear e encontrar a onça. O termo qualifica e singulariza o cão com o qual se estabelece uma aliança. O caçador procura selecionar os mais aptos, por descendência, mas precisa saber escutar e reconhecer as qualidades de seus cães; são eles, de acordo com Tião, que fazem o caçador existir:

Então, primeiro você tem que ter confiança no material que tem, que é o cachorro. Sem o cachorro você não é nada.

Eu estava interessado, na época, em saber se havia um processo de treinamento dos cães para que eles se tornassem mestres:

- E como é que o senhor faz para treinar um cachorro? Pega ele desde novo?
- Eu gosto de pegar novo. Você põe junto com o mestre, junto com o cachorro mestre.
- Mas e se pegar uma cachorrada que nunca correu onça, e não tem nenhum mestre?
- Aí não tem jeito, tem que ter o mestre. Agora, o mestre que é o difícil, o cachorro de você pôr ele na batida e ele ir no bicho.

O que Tião afirma é que, na prática, os cachorros aprendem entre si. O que eles precisam é de um cachorro *mestre*, e não de um adestrador humano, para se tornarem onceiros. O caçador reconhece essa capacidade de aprendizado inter-específica e o que faz é propiciar a seus cães a possibilidade de desenvolverem suas habilidades. Vale lembrar, a esse respeito, que as práticas de manejo do

rebanho no Pantanal também são baseadas na percepção de que os animais se comunicam entre si. O “sinuelo” é o boi manso que costuma ser levado pelos vaqueiros quando vão conduzir uma boiada,⁷ o gado disperso pelo campo reconhece os sinais e acompanha o aquele boi manso, acostumado a seguir os cavaleiros. Os cachorros, por sua vez, têm um comportamento de matilha, e precisam de seus instintos naturais de caçadores para fazer o que fazem. Eles não podem se tornar animais totalmente domesticados, sob pena mesmo de perderem esses instintos. De fato, termos como *amansar*, ou até *domar*, talvez descrevam melhor essa relação do que *domesticar*, ou, no caso dos cães, *adestrar*.⁸ O processo através do qual um cachorro se torna mestre é orientado pela interação com a matilha, e não por um sistema qualquer de oferta e recompensa como nos métodos de adestramento ligados a outras atividades caninas. Insisti ainda no tema:

- Mas não tem nada que o senhor faz para ele aprender?
- Olha, algum cachorro, algum cachorro nasce pronto. Eu estou velho, já possuí muito cachorro bom, muito mesmo; tenho cachorro bom. Mas o melhor cachorro do mundo que eu já vi era o tal do Baixote, desse João Carlos. O único cachorro do mundo que eu já vi bom. Esse cachorro não tinha dia, não tinha hora; você podia... Podia a onça passar aqui hoje, agora; amanhã nesse horário você pôr, e pegar ela. Só que era vagaroso, e era baixinho assim. Cachorro melhor do mundo que eu já vi, e eu tenho muitos anos de caça, conheço cachorro.
- Mas era por quê? Era o faro dele?
- Não, o cachorro era fora de série. E esse cachorro era de um apartamento em São Paulo, lá, duma colega dele.
- O cachorro veio de um apartamento?
- É. E não corria bicho à toa nenhum. Barruou, era parda ou pintada.

O melhor cachorro que ele conheceu na vida tinha vindo de um apartamento em São Paulo! E além disso era um cachorro “baixote” e peludo que

⁷ O gado de corte, numerado e controlado para a produção, é diferenciado do gado manso, ou “tambeiro”, como as “vacas de leite” e os “sinuelos”. São animais chamados pelo nome, que vivem próximos à sede, perto das pessoas.

⁸ Manuela Carneiro da Cunha chamou minha atenção para esta relação entre “domesticar” e “amansar” – usando como exemplo plantas cultivadas da Amazônia – em um evento do qual participei no Uruguai, em 2015, a XI RAM.

não se parecia nem um pouco com um farejador de onças. A lógica das misturas, com a produção da “cachorrada” a partir do cruzamento e da seleção de bons reprodutores, nesse exemplo é subordinada a uma outra lógica, a do indivíduo excepcional. A capacidade de seguir o rastro da onça não é dada apenas pelo pertencimento a uma linhagem ou pelo treinamento, mas antes por uma capacidade inata: “algum cachorro nasce pronto”. Cabe ao caçador reconhecer essa capacidade e saber tirar proveito dela:

Depois ele foi nos Estados Unidos, importou esse de raça [*bloodhound*] e cruzou esse Baixote com a cadela pura. Você podia pegar no canil, igual estão os meus lá, e pôr na batida da onça, que iam embora. Então, cachorro assim não dá trabalho.

Ao longo do trabalho de campo visitei cinco locais onde havia criação de cães, entre os quais tomei nota das seguintes raças caninas, a partir de conversas com os responsáveis pelos canis: *foxhound*, *bloodhound*, *coonhound*, *rodesiano* e *beagle*. As experiências dos criadores produziam misturas, híbridos cuidadosamente selecionados a partir das características dessas raças. A raça, ou a “qualidade”, mais comumente encontrada no Pantanal é certamente o “americano” (termo que se refere, suponho, originalmente ao “foxhound americano”, versão norte-americana do típico caçador de raposas britânico). Na tradição altamente codificada das caçadas de raposa na Inglaterra, o termo “hound” é reservado para os cães de caça, sendo totalmente distinto do termo “dog”, que se refere ao cachorro doméstico, ou de casa (Marvin, 2002).

Um dos colaboradores do projeto de pesquisa, que numa certa ocasião cuidava do canil, me falou a esse respeito que os cães de caça não podiam ser criados dentro de casa porque não ficavam obedientes de jeito nenhum; não adiantava querer adestrá-los ou criá-los como bicho de estimação. Para levá-los para passear, ele os amarrava dois a dois em uma guia dividida em duas coleiras, de um modo que “um atrapalha o outro”, para tornar possível controlá-los. O cão de caça pode ser pensado, nesse sentido, nos termos da dicotomia entre *brabo* e *manso* que opera nas relações pantaneiras com outros animais, como o gado e o cavalo, para os quais são reservados termos específicos como *bagual* ou *xucro*; trata-se de um cachorro com características selvagens, que pode ser *amansado* mas não propriamente *domesticado*.

Tião descreveu-me como é através do latido do mestre que o caçador percebe quando este último “firma na batida”, e depois disso é que vai soltando

o restante dos cães. *Barruar* é o termo que descreve o uivo característico dos cães de caça (*hounds*). Ele se referiu a três papéis diferentes para os cães: além do mestre, o “do meio”, e o “bom de pau”. O primeiro tem que ser “bom de faro”, o segundo vai ajudar a perseguir e acuar a onça, e o terceiro vai segurá-la “no pau”, “subida”. A caçada é regida pela interação entre humanos e cães, envolvendo, portanto, o trabalho cooperativo entre duas espécies, cada uma delas guiada por um sentido diferente (os humanos pela visão e os cães pelo olfato) e ambas capazes de se comunicar à distância por chamados e sinais sonoros, ou seja, pela audição. É pelo som que o caçador pode saber o que vai encontrar, se uma onça subida (fácil) ou uma onça acuada no chão (perigosa). Diferentemente da caça à raposa inglesa, entretanto, na qual os cachorros são os responsáveis pelo abate do animal perseguido, no caso das onças cabe ao caçador humano o desfecho, seja ela um abate a tiros ou uma anestesia com arma de ar comprimido.

– E no caso do projeto, de pegar as onças para colocar o colar? Como é que funciona essa parceria, pra fazer a captura?

– É difícil. O caçador de fundo de quintal tem vários. Porque o projeto é o seguinte: pra você sair daqui, depende... A onça tem uma parte de lua, né? Umhas gostam de andar na nova, outras na minguante, outra na cheia, quarto crescente. Então, o caçador experiente, que entende – e eu tenho pessoa de idade aqui que tem esse trem –, então, chega lá, por exemplo, pega um caçador velho desses, e você fala: “Olha, tem uma onça comendo gado meu lá.” O cara não te fala nada. Ele vai na folhinha e olha. Às vezes o cara é prático, olha na lua de noite e ele sabe que lua que é. Ele fala: agora dá certo. Tem vez que você sai e não dá, você fica dez dias e não dá certo.

A caçada da onça envolve, portanto, capacidades multiespécies. Por parte dos seres humanos engajados nela, envolve uma compreensão das relações ecológicas e da paisagem que fazem parte do conhecimento tradicional dos pantaneiros. E no caso das capturas científicas, atores ligados historicamente à eliminação de um animal tido como nocivo (uma ameaça) se convertem em atores fundamentais nas práticas de conservação de uma espécie ameaçada. Tião era uma figura emblemática desse processo. O conhecimento das fases da lua é, na fala dele, o que diferencia o “caçador experiente”, aquele que é, por assim dizer, um *mestre* em seu ofício, do “caçador de fundo de quintal”.

Um outro caçador que conheci durante a pesquisa era certamente um personagem desse tipo. Seu Inácio era um antigo morador da região onde estava sendo conduzido o estudo com as onças, e era um caso típico para as fazendas pantaneiras. Antes da chegada do projeto, ele trabalhava como capataz de uma fazenda local; além de cuidar do gado e administrar a propriedade, no entanto, possuía seus próprios cães e era procurado pelos fazendeiros vizinhos que estavam tendo problemas com onças. Depois da instalação do projeto, havia se mudado para outra região, na beira do rio Paraguai, no Pantanal do Nabileque, onde mantinha suas atividades trabalhando para o mesmo patrão. Fui visitá-lo na fazenda onde estava morando em outubro de 2008. Em um depoimento gravado nesse período, Seu Inácio descreve da seguinte forma os sentidos da onça na perseguição de sua presa:

Quando ela sai pra caçar, ela não sabe se o vento está assim, porque ela não tem faro, como o cachorro. Ela só escuta e enxerga. É igual a nós. É a mesma coisa que você sentir uma catinga dum troço; você não sabe, não sente. Então a onça, ela sai pra caçar; se ela enxergou um cervo, ou uma capivara, ela vai *assondar*. Mas se a capivara sentiu, aí a capivara vai embora. Ela não liga mais.

A ideia de “assondar” corresponde àquilo que chamamos de espreita, o tipo de caça praticado pela onça, que fica espreitando sua presa, de tocaia enquanto prepara a emboscada. Ele prossegue:

E se ela achou o cervo é a mesma coisa, se o cervo está entretido, pastando ali, está comendo, ela vai chegando, chegando, vai chegando... e o cervo não ver ela e não sentir ela, aí ela pega o cervo. Mas se o cervo sentir ela não pega. Se ele entrar pra lá, virou para lá e virou para cá, ela não sabe aonde que foi. Só se enxergar ele é que ela vai atrás, mas se não ela não vai.

O contraste oferecido por ele é entre a caçada dos cães – baseada no rastreamento olfativo e na perseguição – e a caçada da onça – que se fundamenta na aproximação furtiva e no código visual. Rastreamento e perseguição de um lado, tocaia e espreita de outro. Depois o caçador conclui seu argumento referindo-se a uma espécie de equilíbrio natural entre os seres vivos:

Porque, se ela tivesse faro, não escaparia nada dela. Ela pegava a batida do bicho e ia até alcançar. Deus põe toda a natureza bem feita. Por que se ela tivesse o faro dum cachorro, não escaparia nada dela.

Além de refletir sobre um equilíbrio de capacidades de caça a partir da intervenção divina, a atenção dele ao comportamento das onças envolve também uma capacidade de se colocar no lugar delas:

Tem onça que é *andeja*. Ela é igualzinha a nós: tem homem que não para em fazenda; trabalha ali, trabalha aqui, trabalha pra lá, trabalha pra cá, e assim é a onça também. Tem onça que tem certos lugares; vai lá, vai procurar nesses lugares dela à noite, pra comer. Ela vai, mata uma rês aqui, daqui ela sai e vai embora lá não sei pra onde. Ela vai, no campo de outro fazendeiro, ela come lá, e de lá ela parte.

Diante de uma afirmação deste tipo, penso que os biólogos de campo que conheci seriam os primeiros a concordar com Seu Inácio e reconhecer as idiosincrasias e particularidades de seus objetos de estudo. A capacidade de improviso no comportamento particular de onças pode ser exemplificada por um caso relatado por um pesquisador em um evento conservacionista que acompanhei em 2007. Na área onde ele estava fazendo sua pesquisa de campo era usada uma armadilha para caçar pacas na qual uma espingarda era disparada pela passagem do animal. Uma onça passou então a chegar às armadilhas antes dos caçadores para se alimentar, associando o barulho do tiro à disponibilidade de carne de paca.

Em geral, a tendência dos estudos científicos não é focar nos indivíduos, nas particularidades, mas antes nos traços gerais que os conectam ao coletivo, isto é, no modo como ações singulares podem conduzir a uma interpretação dos padrões de comportamento da espécie em sua interação um ambiente específico. Minha intenção aqui é oferecer contrapontos a essa tendência ao seguir as trajetórias de alguns indivíduos excepcionais ou anômalos, que revelam capacidades inusitadas como o cão de apartamento de Tião ou que têm comportamentos inesperados como o da onça que comia as pacas.⁹

⁹ A ideia do “anômalo” remete, na teoria antropológica, ao conhecido trabalho de Mary Douglas (1991) sobre os textos bíblicos do Levítico, o qual trata das espécies que não se encaixam nas categorias classificatórias sobre as quais incidem os tabus e proibições alimentares. Não é esse o sentido que estou buscando nesse caso. A ideia é mais derivada da construção do conceito de Deleuze e Guattari (1980) do “devir-animal”, na qual há um recorte do indivíduo excepcional que se destaca do bando ou da matilha e constitui um “fenômeno de borda”, como no exemplo de Moby Dick.

3

Neste ponto, me parece viável propor uma analogia meio selvagem, no sentido lévi-straussiano do termo, entre a antropologia social e a biologia da conservação. As relações entre indivíduo e sociedade, comportamentos individuais (específicos) e padrões culturais (genéricos) atravessa, de certa forma, todo o pensamento antropológico. Na primeira metade do século XX, esses foram temas caros à escola norte-americana de cultura e personalidade, por exemplo, na qual a questão de como produzir generalizações a partir do comportamento dos indivíduos aparecia como fundamental (Sapir, 2012). Lévi-Strauss (2003), em um texto muito conhecido sobre a obra de Marcel Mauss, chama também atenção para a originalidade da temática, que se traduz em um debate histórico entre psicologia e antropologia. Uma das críticas à antropologia funcionalista britânica, além disso, é a ideia de que o comportamento individual surge muitas vezes como a aplicação mecânica de um programa preestabelecido, um programa que corresponderia às regras e normas impostas pela sociedade, ao código penal, às leis.

Discutindo a noção da “vida”, Tim Ingold faz uma crítica de dupla face aos paradigmas desta última vertente da antropologia, por um lado, e aos paradigmas da etologia (estudo do comportamento animal), de outro. Neste último caso, o programa já definido de antemão corresponderia ao etograma particular de cada espécie, aos genes ou àquilo que é predeterminado por eles; os exemplares individuais de uma espécie seriam tratados como manifestações desses padrões (Ingold, 2015). O problema comum entre as disciplinas, nesse caso, é a passagem do comportamento individual ao coletivo, ou seja, o velho problema daquilo que se pode dizer sobre os coletivos a partir de pesquisas feitas com indivíduos particulares.

Assim como no caso das abordagens antropológicas, os estudos científicos também não são homogêneos. A produção de conhecimento acerca do comportamento animal envolve a articulação entre múltiplos autores, por vezes controversos. Vagando pelos campos em busca de caça, as onças monitoradas em estudos científicos de campo produzem inscrições, coordenadas que vão se acumulando em mapas. As localizações e seus respectivos horários podem ser visualizados pelos pesquisadores na tela de seus computadores, na forma de séries de pontos de cores diferentes espalhados por fotos de satélite, acompanhados de suas respectivas localizações em GPS. A superposição

dos pontos no espaço cria o que os biólogos chamam de “aglomerados”, e a informação dos respectivos horários desses registros revelam possíveis encontros ou o compartilhamento das mesmas presas pelos indivíduos de onça monitorados.

Há diversos estudos com onças-pintadas realizados especificamente na região sul do Pantanal, onde o corpo de questões e dados acumulados sobre a espécie remonta ao início dos anos 1980 (Azevedo; Murray, 2007; Cavalcanti et al., 2010; Crawshaw; Quigley, 1984; Silveira, 2004; entre outros). O trabalho de Sandra Cavalcanti é particularmente interessante e desafiador nesse campo. Pioneira na utilização de tecnologia GPS incorporada às coleiras de rádio, a pesquisa dela colocou em questão uma série de mitos, modelos e conceitos que até então eram tidos como fatos consumados a respeito do comportamento natural dos felinos (Cavalcanti et al., 2010). Os paradigmas começaram a cair por terra com o uso de uma nova tecnologia e uma abertura para novas questões. Os dados que apresento a seguir provêm principalmente de uma conversa com a pesquisadora que tive no final de 2007, na cidade de Miranda (MS), na qual ela me apresentou uma parte do material de sua pesquisa que na ocasião estava preparando para ser publicada.

Um rótulo longamente usado em relação às onças que foi questionado pela pesquisadora era o do “animal-problema”. Para questionar a validade dessa categoria, ela citou o exemplo de um velho macho de onça-pintada monitorado em seu estudo, apelidado de “Vovô”. Ele seria, a princípio, o protótipo do animal que tende a ser responsabilizado pelos ataques ao gado: previamente ferido por caçadores, quando foi capturado para a colocação da coleira tinha apenas dois dentes caninos (só um de cada lado) e os restantes estavam já bastante desgastados. Vovô, no entanto, não fazia nada daquilo que seria esperado dele; era uma onça que se alimentava de porcos-do-mato e outras presas silvestres e muito raramente atacava o rebanho da fazenda. Enquanto isso, animais jovens e saudáveis utilizavam o gado como presa principal.

Ao analisar localizações simultâneas entre diferentes onças, no mesmo dia e na mesma hora, o estudo de Cavalcanti revelou, além disso, outros fatos que diferiam do que seria esperado. Primeiro, ela constatou que não havia muita diferença nas distâncias estabelecidas entre machos e fêmeas e naquelas entre machos apenas; havia machos andando perto e convivendo uns com os outros, o que era inesperado. Seus dados mostraram ainda que os machos e

fêmeas não tinham uma época própria de acasalamento, eles se encontravam o ano inteiro. A respeito da socialidade das onças, a pesquisadora teceu a partir daí algumas considerações citando um artigo clássico sobre o gato doméstico (Leyhausen, 1979) que relativiza a oposição entre o comportamento “solitário” e o comportamento gregário, ou “social” dos felinos. Animais considerados solitários podem ter (é o que as onças monitoradas pela pesquisadora sugeriam) muito mais interações sociais do que se pensa.

Considerava-se até então, a respeito das onças, que dentro do território de um macho havia o território de duas ou três fêmeas, mas que os machos em si não sobrepujam os territórios. Pois o que a pesquisa permitiu a Cavalcanti mostrar foi justamente o contrário: na verdade, quem tinha territórios definidos eram justamente as fêmeas; os machos andavam mais, circulando por esses territórios. Colocava-se em xeque, com isso, a descrição da ocupação do território baseada na ideia do macho dominante, uma ideia tendenciosamente androcêntrica estabelecida por uma longa linhagem de pesquisadores do sexo masculino, e que teve muitas vezes como modelos estudos realizados com outras espécies de felinos, em particular os tigres na Índia.

As onças não só se tornam mais sociáveis, mas a sociedade delas passou a poder ser lida a partir do uso do território pelas fêmeas e não pelos machos. Usando como referência aqui uma expressão de Bruno Latour,¹⁰ podemos dizer que Cavalcanti deu às onças a oportunidade de se comportarem de maneira diferente do que se esperava delas. A partir do trabalho da pesquisadora, com a introdução de um novo instrumento de pesquisa e a formulação de questões originais, as ações e comportamentos das onças puderam ser interpretados de novas formas. É um exemplo de como a inclusão de novos mediadores entre aquilo que as onças fazem na natureza e aquilo que podemos dizer sobre elas significa um acréscimo na densidade da descrição.

As interpretações biológicas nas quais os agentes animais são tomados como seres que reproduzem um programa preestabelecido geneticamente, ou no máximo restrito a uma forma herdada mecanicamente de geração para geração, exclui os processos de aprendizado, improvisado ou mesmo a própria dinâmica adaptativa em ato. O movimento é similar àquele que, em

¹⁰ Latour (2000) se refere a uma pesquisa baseada no comportamento de ovelhas conduzida por Thelma Rowell, uma primatóloga, afirmando que ela foi capaz de dar às ovelhas a possibilidade de estabelecerem relações sociais.

antropologia, se traduz na busca de um tipo geral, do indivíduo que pertence à determinada sociedade, que é o representante individual de uma cultura, ou de uma sociedade, sendo esta uma totalidade cujo funcionamento o antropólogo pretende descrever.

Como vimos, a excepcionalidade individual pode produzir também novos conhecimentos. Entre os comportamentos observados pelos pesquisadores do projeto que acompanhei, resta, finalmente, um último caso a ser analisado. Trata-se de um evento que diz respeito ao uso de armadilhas na captura de onças. Essas armadilhas eram construídas com grades de ferro formando grandes caixas retangulares, cuja entrada contava com um dispositivo de alçapão acionado de dentro. No fundo delas, um cercado frágil de arame mantinha preso como isca um filhote de porco vivo. Distribuídas em áreas frequentadas por onças, em capões de mata ou beira de rio, essas armadilhas eram visitadas diariamente pelos mateiros e biólogos do projeto para alimentar o porquinho durante o período de capturas. Apesar de todo esse esforço, no caso do projeto da São Domingos, nenhuma onça foi capturada com esse método.

O método tinha funcionado anteriormente, porém, em outra fazenda que havia sediado um projeto semelhante, coordenado pela mesma equipe. Localizada a cerca de 80 quilômetros de distância, ao sul, a fazenda Miranda conjugava criação de gado e atividades de ecoturismo. Quando visitei a propriedade pela primeira vez, em março de 2006, o monitoramento das onças que usavam coleiras de radiotelemetria, além de ainda fornecer dados para a pesquisa, tinha se convertido em uma atividade de turismo científico. As capturas, nesse caso, tinham ocorrido alguns anos antes, entre 2003 e 2004.

Naquele período, aconteceu que uma determinada onça, chamada “Elisa” pelos pesquisadores, começou a cair repetidamente na mesma armadilha, fato que intrigou a equipe.¹¹ As capturas com armadilhas eram raras (o uso de cães se mostrava muito mais eficaz), e esse comportamento inesperado não se repetiria com nenhuma outra onça monitorada pelo projeto. O que se pretendia na ocasião era a captura de um novo animal para a obtenção de amostras – sangue, pelos, medidas –, além da colocação de uma coleira de rádio, de

¹¹ O evento me foi narrado algumas vezes pelos biólogos que trabalhavam no projeto. Fazia parte também das apresentações que eles faziam para turistas, fazendeiros e ecologistas, contado como uma anedota de campo.

preferência com o mínimo de interferência possível no comportamento natural das onças. Diante da insistência de Elisa em ser capturada (ela havia caído cinco vezes na mesma armadilha), os pesquisadores foram obrigados a transferir a armadilha para uma nova área.

O caso pode ser entendido como mais uma brecha no sistema, algo que foge do padrão ou que não se encaixa naquilo que é esperado. Ele revela algo sobre as onças e sobre a própria experiência mesmo que não se traduza em fatos científicos. Os elementos da pesquisa implicam uma intervenção no comportamento natural de um animal selvagem, mas pressupõem que a experiência não se repita, que o dispositivo iniba a repetição. A onça Elisa, na época, estava criando filhotes pequenos, o que foi a justificativa encontrada para o fato de ela ter identificado nos porcos aprisionados dentro da armadilha uma fonte de alimento, mesmo sendo capturada e tendo passado pelo processo de anestesia e manipulação dos biólogos. Ela aprendeu alguma coisa com o problema que encontrou diante de si, e entrou em um processo que pode ser tomado como uma forma de “domesticação”, ou um “amansar”, talvez; mas o que aprendeu não era aquilo que se esperava dela. O dispositivo de captura acionado repetidamente e o comportamento inusitado podem ser lidos a partir do que Vinciane Despret (2004) chamou de práticas de “antropo-zoo-gênese”. Isto é, podemos pensar o que está em jogo nesse caso não apenas a partir dos pressupostos que o próprio experimento coloca, mas sim como um dispositivo relacional, um processo de mão dupla no qual humanos e animais são, de alguma forma, *domesticados* entre si, no sentido de que se adaptam uns aos comportamentos dos outros e se coinfluenciam. Para os biólogos, esta era talvez apenas mais uma anedota de campo, sem grande rendimento para a pesquisa: a história de um percalço para os procedimentos submetidos ao método científico. Contudo, se deslocarmos um pouco o entendimento do que a história coloca em questão, vemos que a experiência revela aspectos da adaptabilidade e da capacidade de improviso das onças que não são contemplados pelos resultados esperados ou pelos protocolos da pesquisa.

Revela também, nesse sentido, o processo de codomesticação a que estão submetidos aqueles que estão envolvidos em relações multiespécies, tanto os animais quanto os pesquisadores quando precisam aprender e se adaptar aos instrumentos e procedimentos de estudo de campo. O caso da onça Elisa é mais um exemplo da individualidade que se manifesta no comportamento

das onças. Ele tem relação com todos os outros exemplos de comportamentos anômalos e capacidades singulares que estamos perseguindo aqui, e pode nos remeter ainda, nesse sentido, à história da onça sem dedo com a qual comecei este artigo. Naquele caso, o caçador desiste da perseguição quando percebe no comportamento anômalo do animal sinais de uma sobrenatureza ameaçadora. No caso de Elisa, há também um comportamento inesperado que leva a uma desistência, mas dessa vez é a insistência da onça em cair na armadilha que obriga o pesquisador a mudar de estratégia, vendo-se obrigado a desmontar seu aparato de captura.

4

O desafio de se colocar em simetria diferentes modos de conhecimento, ou saberes, a meu ver não significa buscar um denominador comum entre eles, mas sim um regime de composição. Termos como “anedótico”, “tradicional”, ou mesmo o prefixo “etno”, funcionam muitas vezes, tanto na literatura antropológica quanto na biológica, como marcadores negativos para aquilo justamente que é “não científico”, ou que está do lado de fora da esfera da ciência propriamente dita. A aspiração ao universal talvez seja a marca específica de um tipo de conhecimento que, se por um lado envolve a pretensão legítima de afirmar coisas sobre o mundo, por outro tende a produzir uma máquina de exclusão daquilo que não se submete a determinados meios de produção de conhecimento.

Na relação entre o biólogo, que coordena os diversos aspectos de sua pesquisa, o caçador, cuja prática é entender o ambiente e encontrar o caminho, e os cachorros, que são capazes de seguir os rastros, o conhecimento não está de um lado ou de outro, mas antes na constituição de alianças. A distribuição de tarefas entre eles precisa aliar a leitura de dados e a produção de coordenadas à exploração do território. A junção das experiências práticas e modos de conhecimento envolvidos é que faz a experiência de campo funcionar, ou seja, é a cooperação entre os diferentes atores que produz o acontecimento, ou, nesse caso, a captura.

Procurei refletir neste artigo sobre uma forma de *ecologia compartilhada* capaz de incorporar aspectos de saberes científicos e saberes locais. Trata-se de uma tentativa de falar do entrelaçamento produzido pelos conflitos ontológicos e encontros pragmáticos que surgem entre pantaneiros

(vaqueiros e caçadores) e cientistas (biólogos e ecologistas). O termo refere-se também à diversidade dos mundos disputados entre os atores humanos e não humanos nas suas múltiplas relações. Nos resultados do trabalho científico, buscam-se padrões capazes de sustentar hipóteses através de dados mensuráveis e estatísticos. As idiosincrasias individuais, os temperamentos, os comportamentos diferenciadores podem ser considerados exceções às regras, ou podem produzir novas questões, como no caso do estudo de Sandra Cavalcanti citado acima.

A socialidade e as agências individuais das onças se manifestam, nas redes multiespécies que procurei esboçar, articuladas com os modos de vida de cães, bois e seres humanos. Cada um dos atores parece possuir, nesse caso, um lado domesticado e um lado selvagem, ou um lado “brabo” e um lado “manso”. Cientistas e caçadores tradicionais, onças de coleira, cães de apartamento e cães de caça, estão todos submetidos seja a processos de domesticação, seja a devires selvagens. A ideia de uma *ecologia compartilhada* tem como princípio uma recusa aos procedimentos de homogeneização e de redução. Penso que o trabalho de campo, em todos os sentidos que ele tem nesse caso, é propício para isso. O campo é o lugar da mistura, do encontro. Não só do encontro entre culturas diferentes, ou ontologias diferenciadoras, mas também lugar onde onças, gado, cães e outros animais são muito mais do que somente objetos de conhecimento.

As redes articuladas pela conservação da onça envolvem os vaqueiros e caçadores e suas histórias, assim como abarcam os sentidos dos cães e as respostas que as próprias onças propõem à experiência da qual fazem parte. Isso pode significar uma ampliação do escopo das perguntas feitas a respeito desse tipo de experimento. Ao nos afastarmos do senso comum, vemos que tanto as práticas de conhecimento *científicas* como aquelas que chamamos de *tradicionais* são processuais, e não estáticas. A ideia de um conhecimento científico puro, apartado da sociedade e da política, é tão absurda quanto aquela de um conhecimento tradicional a-histórico, preservado imutável em um formato predeterminado. O contraste que se apresenta não é, então, propriamente entre saberes científicos e tradicionais, ou entre animais domésticos e selvagens, mas antes entre, de um lado, os sistemas estáticos, previsíveis e deterministas, gerados pela reificação tanto da ciência quanto da tradição, e, de outro, os sistemas abertos, dinâmicos e criativos das redes e das interações multiespécies.

Referências

ALMEIDA, M. W. B. de. Caipora e outros conflitos ontológicos. *R@U: Revista de Antropologia da UFSCar*, São Carlos, v. 5, n. 1, p.7-28, jan./jun. 2013.

AZEVEDO, F. C. C.; MURRAY, D. L. Evaluation of potencial factors predisposing livestock to predation by jaguars. *The Journal of Wildlife Management*, Washington, v. 71, n. 7, p. 2379-2386, 2007.

BANDUCCI JR., A. *Sociedade e natureza no pensamento pantaneiro: representação de mundo e o sobrenatural entre os peões das fazendas de gado na “Nhecolândia” (Corumbá/MS)*. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

CAVALCANTI, S. M. C. et al. Jaguars, livestock, and people in Brazil: realities and perceptions behind the conflict. In: MACDONALD, D; LOVERIDGE, A. (Ed.). *The biology and conservation of wild felids*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 383-402. Disponível em: <http://digitalcommons.unl.edu/icwdm_usdanwrc/918>. Acesso em: 25 mar. 2015.

CRAWSHAW, P. G.; QUIGLEY, H. B. *Estudos bioecológicos do Pantanal: relatório final: parte I: a ecologia do jaguar ou onça pintada no Pantanal*. Brasília: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, 1984.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1730 – Devenir-intense, devenir-animal, devenir-imperceptible. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mille plateaux: capitalismo et schizophrénie*. Paris: Minuit, 1980. p. 284-380.

DESPRET, V. The body we care for: figures of anthropo-zoo-genesis. *Body & Society*, London, v. 10, n. 2-3, p. 111-134, 2004

DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

FURTADO, M. M. et al. Studying jaguars in the wild: past experiences and future perspectives. *Cat News*, Special Issue 4 – The Jaguar In Brasil, Bern, p. 41-47, 2008.

INGOLD, T. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.

LATOUR, B. A well-articulated primatology: reflections of a fellow-traveller. In: STRUM, S. C.; FEDIGAN, L. M. (Ed.). *Primate encounters*. Chicago: University of Chicago Press, 2000. p. 358-381.

LAW, J. Actor network theory and material semiotics. In: TURNER, B. S. (Ed.). *The New Blackwell Companion to social theory*. 3rd ed. Oxford: Blackwell, 2009. p. 141-158.

LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: LÉVI-STRAUSS, C. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 11-45.

LEYHAUSEN, P. *Cat behaviour*. New York: Garland STPM, 1979.

MARVIN, G. Unspeakability, inedibility, and the structures of pursuit in the english foxhunt. In: ROTHFELS, N. (Ed.). *Representing animals*. Bloomington: Indiana University Press, 2002. p. 139-158.

SAPIR, E. Cultura: autêntica e espúria. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 35-60, 2012.

SILVEIRA, L. *Ecologia comparada e conservação da onça-pintada (panthera onca) e onça-parda (puma concolor), no cerrado e pantanal*. 2004. Tese (Doutorado em Biologia Animal)–Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

SÜSSEKIND, F. A onça-pintada e o gado branco. *Anuário Antropológico*, Brasília, n. 2, p. 111-134, 2012.

SÜSSEKIND, F. *O rastro da onça: relações entre humanos e animais no Pantanal*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

Recebido em: 27/05/2016

Aprovado em: 06/02/2017